

EDUCAÇÃO

Número Temático - vol. 11 n. 1 - 2021

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2021v11n1p82-94



***VIADO!* XINGAMENTO E CONFLITOS ENTRE MENINOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

FAGGOT!: INSULT AND CONFLICTS AMONG BOYS IN THE FIRST
YEARS OF FUNDAMENTAL EDUCATION

¡MARICÓN!: INSULTOS Y CONFLICTOS ENTRE NIÑOS EN LOS
PRIMEROS AÑOS DE EDUCACIÓN FUNDAMENTAL

Milena Costa Pinto¹
Duda Woyda²

RESUMO

A partir de xingamentos e conflitos entre meninas/os da unidade escolar Eliza Dias de Azevedo, no distrito de Vila de Abrantes, Camaçari/BA, este trabalho tem como objetivo refletir acerca de discursos e práticas LGBTfóbicas, bem como demonstrar, no sentido de desconstruir, tais discursos e tais práticas, principalmente por meio da sensibilização e da construção de empatia para com os sujeitos afetados pela LGBTfobia. Buscamos articular a compreensão e apreensão de conceitos relevantes para o processo de (des)(re) aprendizagem com leituras, análises, discussões e atividades de cunho prático, que propiciaram ao público alvo a experiência de conhecer aspectos intrínsecos à LGBTfobia, sua presentificação e caracterização no ambiente escolar e criar dispositivos de transformação dessa realidade.

PALAVRAS-CHAVE

Gênero e Sexualidade. LGBTfobia. Ambiente Escolar. Educação.

ABSTRACT

Based on insults and conflicts between girls/boys from the school unit Eliza Dias de Azevedo, in the district of Vila de Abrantes, Camaçari - BA, this work aims to reflect on LGBTphobic discourses and practices, as well as demonstrate, in order to deconstruct, such speeches and such practices, mainly through raising awareness and building empathy with the individuals affected by LGBTphobic. We seek to articulate the understanding and apprehension of relevant concepts for the (de) (re) learning process with readings, analyzes, discussions and practical activities, which provided the target audience with the experience of knowing aspects intrinsic to LGBTphobic, its presentation and characterization in the school environment and create devices to transform this reality.

KEYWORDS

Gender and sexuality; LGBTphobic; school environment; education.

RESUMEN

Basado en insultos y conflictos entre niñas/niños de la unidad escolar Eliza Dias de Azevedo, en el distrito de Vila de Abrantes, Camaçari - BA, este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre los discursos y prácticas de LGBT-fobia, así como manifestarse, en el sentido para deconstruir, tales discursos y tales prácticas, principalmente mediante la sensibilización y la construcción de empatía con los sujetos afectados por LGBT-fobia. Buscamos articular la comprensión y aprehensión de conceptos relevantes para el proceso de (des) (re)aprendizaje con lecturas, análisis, discusiones y actividades prácticas, que brindaron al público objetivo la experiencia de conocer aspectos intrínsecos a la LGBT-fobia, su presentificación y caracterización en el entorno escolar y crear dispositivos para transformar esta realidad.

PALABRAS CLAVE

Género y sexualidad; LGBTfobia; Ambiente escolar; educación.

[...] toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada (LOURO, 1997, p.17).

1 CONHECENDO O AMBIENTE DE TRABALHO: A ESCOLA E SUAS VIVÊNCIAS

O compromisso da escola com a cidadania e com a transformação da realidade que nela se apresenta passa, necessariamente, pelo enfrentamento aos preconceitos e às discriminações que suscitam das relações interpessoais, mais explicitamente entre estudantes.

A escola Eliza Dias de Azevedo, da rede municipal de Camaçari, localizada no distrito de Vila de Abrantes, orla do município, mais precisamente às margens da BA 099, foi o local selecionado para executar a intervenção pedagógica deste trabalho.

A referida instituição tem uma oferta de vagas que abrange da educação infantil ao 5º ano para um público constituído, em sua maioria, de pessoas de baixo ou baixíssimo poder aquisitivo, muitas das quais beneficiárias de programas como Bolsa Família, que, em muitos casos, assegura a frequência e manutenção de estudantes na escola.

Nesta escola, é comum as/os estudantes, repetindo a cultura machista, ter por tradição insultar ou/e praticar *bullying* com pessoas dissidentes, especialmente, as/os que fogem do padrão da heteronorma. Esses “insultos”, com motivações claramente homofóbicas, são expressos por meio de termos como viado e bicha, principalmente. Os efeitos gerados pelos “xingamentos” levam as/os estudantes “insultadas/os” a esboçarem reações como raiva, revolta, tristeza, ameaças, enfim, diversos atos de agressividade que podem expor estudantes à vergonha (GOFFMAN, 2012), dificultando a admissibilidade de sua possível identidade sexual ou de gênero que não esteja em conformidade com a heterossexualidade ou cisgeneridade.

Esse contexto suscitou a necessidade de uma ação propositiva, uma intervenção pedagógica que propiciou as/aos estudantes articulação teórica e prática, no intuito de educar os atores sociais envolvidos para um agir reflexivo-consciente sobre suas práticas LGBTfóbicas, por meio de instrumentos transformadores da diferença e o respeito à alteridade de toda pessoa independente de orientação sexual e identidade de gênero; e as/aos docentes, aporte teórico-procedimental para suporte em situações futuras, possíveis e previsíveis, dadas as circunstâncias dessas práticas serem corriqueiras.

Um outro ponto que vale esclarecer é que as/os estudantes não fazem qualquer distinção entre homossexuais, bissexuais, transexuais ou travestis. Para elas/eles é tudo igual e ser homossexual ou “bicha” está ligado a uma performance social fora do padrão homogêneo de masculinidade, denotado no andar, no falar e no gestual das mãos/braços, principalmente, mas, também, pelo fato de se relacionarem com pessoas do mesmo sexo. São corpos em desacordo com os modelos de masculinidade validados e prevaletentes na sociedade. Ou seja, elas/eles desconhecem a possibilidade de homossexuais performarem um comportamento heterossexual, por terem práticas homoafetivas mantidas no âmbito particular e socialmente se adequarem aos padrões da heteronorma.

Nesse sentido, os sujeitos que não se adequam ao padrão inteligível gênero/sexo/prática sexual são considerados as/os “outras/os” no espaço escolar assim como na sociedade. Butler (2003 *apud*

COLLING, 2018, p.29) problematiza esse sistema sexo-gênero, segundo o qual “a sociedade exige que todas as pessoas sigam uma linha reta e ‘coerente’ entre sexo-gênero-desejo e prática sexual”. De modo que, “se eu tenho um determinado sexo, preciso ter determinado gênero e, além disso, desejar um sexo/gênero oposto ao meu e praticar sexo com ele/ela” (BUTLER, 2003 *apud* COLLING, 2018, p.29). A postura cis/heteronormativa assumida pela escola, conseqüentemente, leva à opressão produzida pela heterossexualidade compulsória, que é uma violência.

Diante disso, torna-se imperativo que uma escola – que se proponha subverter paradigmas convencionados normais – se comprometa a adotar práticas pedagógicas de “desaprendizagem” (THÜRLLER, 2019), não cis/heteronormativas, que objetivem extinguir o preconceito e a segregação dos sujeitos que integram o campo das sexualidades cujos sujeitos são dissidentes. Na concepção crítica de Louro (2004, p.64), o sujeito queer, ou seja, aquele “da sexualidade desviante - homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags, [...] que assume o desconforto da ambigüidade, do entre lugares, do indecível [...] que incomoda perturba, provoca e fascina”, são esses os sujeitos tidos como dissidentes que mais sofrem com o preconceito, “ofensas e xingamentos” (LOURO, 2004, p.64).

Entretanto, não é excepcional a ocorrência de práticas pedagógicas que desconsiderem os supracitados sujeitos e nem mesmo é atípico a ocorrência de abordagens, que não dão conta da complexidade que envolve a questão da sexualidade humana. É habitual que o tratamento dado a questão da educação sexual na escola ainda se mantenha restrito a aspectos biológicos da sexualidade. Araújo, Cruz e Dantas (2018, p.12) analisam que “ao longo do tempo, a Educação Sexual, incorporada às aulas de Ciências, transformou-se em aulas sobre reprodução, métodos contraceptivos, gravidez ‘indesejada’ e prevenção à DST³”.

Por esses motivos e porque compreende-se que essas/es estudantes precisam ter uma contrapartida que venha confrontar a heteronorma e os preconceitos optou-se por esse campo de estudo. Encontram-se, também, entre as motivações, o direito de as/os estudantes terem em acessar outras leituras, interpretações e posicionamentos a respeito de questões que envolvem a orientação sexual e a identidade de gênero, de forma que possam constituir seu próprio repertório discursivo, bem como se tornar capazes de promoverem embates de ideias e opiniões em contrário a LGBTfobia.

2 NA PRÁTICA É QUE SE ENSINA

A partir do entendimento de que a escuta, a reflexão e o direito de fala são fatores imprescindíveis a todo processo de desaprendizagem, as ações do Projeto de Intervenção (PI), que aqui se propõe, se alinham com uma tendência pedagógica progressista, inspirada nas ideias construídas por Freire (1987; 1996). A proposta se constituiu no propósito de que as/os estudantes analisassem de forma crítica a realidade histórico-social na qual estão inseridas/os, compreendendo-a, bem como se percebendo como sujeitos com potencial para construir e reconstruir essa realidade.

Nesse sentido, o PI se desenvolveu em conformidade com uma metodologia Pesquisa-Ação, que se caracterizou pela investigação, problematização e transformação da experiência social das/os

³ Tem-se considerado mais apropriada a expressão IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis).

envolvidas/os posta em evidência nas situações de discussão. Para tanto, procurou-se provocar um estranhamento nas aparentes convicções que as/os estudantes afirmaram ter acerca de questões como orientação sexual e identidade de gênero. A partir da vivência – reflexão – vivência do grupo realizou-se ações com foco na sensibilização e construção de uma consciência política que as/os mobilizassem a conhecer e transformar sua realidade.

A postura adotada conferiu um caráter dialético com foco na apreensão e apropriação crítica do conhecimento científico, visando à promoção de confrontos com ideias de cunho moralistas e radicais com as quais os sujeitos favorecidos pudessem se vincular. Instaura aí uma possibilidade de ruptura com estruturas conservadoras, que, se apoia no discurso de “moral” e “defesa da família” para ancorar ideologias de ódio como a “homofobia, o racismo, o sexismo, o heterossexismo, o classismo, o militarismo, o cristianocentrismo, o eurocentrismo, todas ideologias que nascem dos privilégios do novo poder colonial capitalista, masculinizado, branqueado e heterossexualizado” (THÜRLER, 2019, p.33).

Coerente com essa proposta Freire defende uma educação que parta de uma concepção problematizadora, na qual o conhecimento resultante é crítico e reflexivo, pois para ele a educação é um ato político. Depreende-se disso que uma “prática educativo-crítica” precisa propiciar experiências para que os sujeitos educandos se assumam e se percebam “como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador” (FREIRE, 1996, p.23).

A metodologia utilizada pretendeu desencadear um processo de reflexão de processos de subjetivação, de modo que os sujeitos envolvidos pudessem estranhar aquilo que é posto como natural, desenvolver criticidade e produzir micropolíticas de resistências. No rol do que se espera com o enfrentamento à lógica da cisgeneridade, inclui-se a resignificação das suas práticas e a construção de “saberes de desaprendizagens” (THÜRLER, 2019, p.19).

O objetivo principal teve como proposta desconstruir discursos LGBTfóbicos, problematizando as heteronormas e produzindo mentalidades aptas para o exercício do respeito às diferenças de orientação sexual e identidade de gênero. E assim, debater possíveis causas da LGBTfobia manifestada entre o público alvo; analisar criticamente textos escritos e audiovisuais a fim de conhecer o universo LGBTQIA+ e exercitar o respeito a tudo que é pertinente a ele; promover mudança de atitudes pela construção do conhecimento e pela sensibilização; desenvolver atitudes de reflexão acerca de posições ideológicas preconceituosas; discutir acerca de questões pertinente a LGBTfobia suscitadas no decorrer das oficinas e se posicionar frente a elas.

A partir disso, desenvolveu-se um conjunto de atividades voltadas para o debate e o embate de ideias. Entre os temas abordados para atingir os objetivos, discutimos os temas orientação sexual e identidade de gênero por meio de exibição do vídeo “Orientação Sexual e Identidade de Gênero: Vocabulário de respeito à diversidade” (DOIS THIAGOS, on-line), na qual, a partir da reflexão desse suporte pedagógico a situação didática teve sequência com o início da produção de um glossário da diversidade sexual e de gênero com terminologias pertinentes ao universo LGBTQIA+, com o qual o público envolvido elaborou a compreensão sobre a acepção semântica e também política das terminologias do universo LGBTQIA+/cis-hetero e realizou a escrita de parte dessas terminologias, formulando conceitos sobre cada uma delas.

Alguns dos termos foram: homossexual/homossexualidade, bissexual/bissexualidade, gay, lésbica, transexual, travesti, transgênero, dragqueen, intersexo; LGBTfobia, homofobia, gayfobia, lesbofobia, transfobia, bifobia; heterossexual/heterossexualidade, cisgênero, heteronormatividade, e a sigla LGBT/LGBTQIA+.

Realizou-se, ainda, uma discussão sobre as possíveis acepções de termos como bicha, viado, sapatão/sapatona, entre outros comuns no domínio popular. Com isso, trouxemos para discussão temas como: Família e religião, bases de inspiração da heterossexualidade compulsória e da LGBTfobia. Para o tratamento deste tema a intervenção se fez por meio da exibição e leitura do texto fílmico “Orações para Bobby” (MULCAHY, on-line). A sequência acompanhou uma roda de conversação sobre o filme e relatos de experiência, espontâneos, afins ao tema do mesmo.

Outro tema importante foi: “Família e religião – posições ideológicas radicais e (des)respeito às diferenças”. Esse tema foi discutido por meio de rodas de conversas em grupos, a partir das quais o público alvo produziu materiais com representações de cenas do filme relativo questões sugeridas pela mediadora.

Além de discutirmos os retratos da violência contra pessoas LGBTQIA+ nas escolas do Brasil, que foi desenvolvido por meio de leitura e análise, em grupos, dos textos (adaptados/resumidos): “LGBTfobia no Brasil: Fatos, números e polêmicas” (FIGUEIREDO; GARCIA; MORAIS, 2020); “Preconceitos nas escolas” (ARAÚJO; CRUZ; DANTAS, 2018); “Agressões já atingiram 68% dos jovens LGBT em escolas” (BERNARDO, 2016) e “Mais de um terço de alunos LGBT sofreram agressão física na escola: Estudantes que são alvo de preconceito têm pior desempenho escolar” (TOKARNIA, 2016), que contém dados sobre a violência contra estudantes LGBTQIA+ no espaço escolar. Em seguida realizou-se uma discussão, destacando os sujeitos LGBTQIA+ mais vitimados pelo preconceito e pela violência escolar (ex.: transexuais e transgêneros); as modalidades/tipos de violência sofridas por essas pessoas; e os sujeitos autores dos atos de preconceito e violência.

Trouxemos ainda o tema da “Violência contra LGBTQIA+ nas escolas”, no qual, as/os estudantes produziram gráficos (em equipes) a partir dos resultados de cada pesquisa trazida no texto “Preconceitos nas Escolas”. O estudo do tema supracitado e outros afins foi ampliado com a exibição, discussão do documentário “Se essa escola fosse minha” (<https://youtu.be/NHJMDuhruz8>) e produção de cartazes com representações ilustrativas dos tipos de violência contra estudantes LGBTQIA+ nas escolas e seus efeitos.

Para a culminância do PI, revisaram-se temas abordados e exploraram-se temas/questões presentes no videoclipe “Indestrutível”, de PabloVittar (on-line); por meio de construção de cartazes com expressões, frases e desenhos, visando à sensibilização do público destinatário. Nesse sentido, as/os estudantes produziram cartazes para uma hipotética campanha contra a LGBTfobia e pelo respeito às diferenças de gênero e sexualidade.

Nessa perspectiva, buscou-se por intermédio das ações deste PI proporcionar as/os discentes os meios para um processo de educação que as/os conduza a práticas reflexivas, de criticidade e de posicionalidade (DELEUZE, 1988-1989). Pensando nesses pressupostos a proposta abrange a realização de uma crítica a toda forma de preconceito e violência contra os sujeitos dissidentes do campo da sexualidade e da identidade de gênero, as pessoas LGBTQIA+. Isso requer uma intervenção que ofereça condições para que o público alvo construa posturas de respeito e empatia para com essas pessoas.

3 SOMANDO PENSAMENTOS

Para sustentar e assegurar o cumprimento dessa meta, se apoiou nas ideias de pensadoras/es que defendessem uma posicionalidade de esquerda (THÜRLER, 2019), noção essa não, necessariamente, pertencente ao campo político-partidário, mas que tem sua especificidade na esfera sociocultural.

Thürler (2019) esclarece que Deleuze define a esquerda como sendo um olhar de fora para dentro; olhar que abarque as minorias e permita a percepção de sua vulnerabilidade, também que ela não é estática e que não pode durar para sempre. Ter posicionalidade de esquerda é não se constituir alheio aos problemas de outras pessoas, populações, nações. Ser de esquerda, portanto, é se posicionar em favor das minorias (gays, lésbicas, mulheres, negros, indígenas etc.). A compreensão de posicionalidade de esquerda ou percepção/sensibilidade para se importar com os problemas de ‘outrem’ trazida por Deleuze pode inspirar um trabalho de sensibilização para viabilizar entre as/os estudantes um sentimento-ação de solidariedade e empatia para com as minorias destacadas neste PI.

No intuito de cooperar com a desconstrução de uma imagem que reflita abjeção e construir uma imagem de respeito com relação a todas as orientações sexuais e todas as identidades de gênero vislumbra-se a promoção de uma crítica social, que venha transformar social, política e historicamente os sujeitos e contribuir para torná-los autônomos, emancipados e intelectualmente altruístas.

Paulo Freire, em “Pedagogia do Oprimido” (1987), propõe um processo de ensinar/aprender voltado para a ação e reflexão com vistas à emancipação do oprimido. Esta pedagogia deve se constituir pelo diálogo, pela problematização e pela participação. Assim caracterizando-se, a educação exerce o poder de incitar nos sujeitos/oprimidos uma consciência crítica de sua capacidade de libertação e transformação. Pensando na potência dessa pedagogia e relacionando-a aos processos de opressão e alienação que engloba os atores sociais envolvidos no PI procura-se transpor para a Pesquisa-Ação uma prática sintonizada com os princípios filosóficos desse pensador.

Em sintonia com o pensamento freiriano, Thürler (2019) ressalta a importância de se promover o estranhamento daquilo que é posto como natural, desenvolver criticidade e produzir micropolíticas de resistências. Processo esse que impescinde acionar “saberes de desaprendizagem”, que, segundo esse pensador, vem a ser um conjunto de saberes e disposições políticas empreendido por sujeitos e grupos que rejeitam rótulos e títulos; que ousam subverter modos de vida impostos e desafiar verdades únicas; que confronta o novo poder colonial heterossexualizado e, complementa-se cisgenerizado (THÜRLER, 2018, p.14 *apud* THÜRLER, 2019, p.33).

Esse estranhamento pode se estabelecer por uma observância das práticas pedagógicas que se fazem presentes na escola com o propósito de perpetuar a heteronormatividade, muitas vezes instituindo normas, vigiando e cerceando manifestações de afetos em relações não heteroafetivas. O exercício pedagógico para manter a hegemonia da heterossexualidade é constante e perpassa os diversos setores e atores. Ele se corporifica nas relações interpessoais, nas brincadeiras, nos livros didáticos e paradidáticos, nos conteúdos das disciplinas, na organização das atividades esportivas ou recreativas, nas normas sobre o uso dos banheiros entre outras. Segundo Araújo, Cruz e Dantas (2018, p.47-48):

Os dispositivos pedagógicos da heteronormatividade muitas vezes são utilizados pela escola no sentido de perpetuar a noção de perigo e de pecado em relação ao sexo. Fecha-se, portanto, para normalizar a heterossexualidade ao tempo em que se vigiam as expressões de afeto e sexualidade não hegemônicas. Na escola, a heteronormatividade é um exercício pedagógico constante. Faz parte das relações entre as pessoas, das brincadeiras, está nas imagens dos livros didáticos, dentro dos conteúdos das disciplinas e interfere nos comportamentos e escolhas, tais como a participação mais efetiva de meninos no laboratório, em detrimento das meninas, e em outros espaços mais generificados, como a quadra de esportes. Nesse sentido, a escola cria separações que são definidas como femininas e masculinas. Qualquer estudante que infrinja tais normas, a depender de sua expressão e intensidade, passa a sofrer sanções por parte da comunidade escolar. Nesse sentido, a escola cria separações que são definidas como femininas e masculinas. Qualquer estudante que infrinja tais normas, a depender de sua expressão e intensidade, passa a sofrer sanções por parte da comunidade escolar.

Miskolci (2012) sugere que ao invés de ensinar e reproduzir a experiência da abjeção às pessoas que não se enquadram às normas da hetero-cis-generidade o processo de aprendizado pode ser de resignificação do estranho, do anormal como veículo de mudança social. Todavia o que há de efetivo é que a heteronormatividade é a ordem sexual fundada no modelo familiar e reprodutivo, esses, por sinal são de inspiração colonial.

Para o enfrentamento de estruturas oriundas e de sustentação da colonialidade imposta por meio do heterossexismo e para fazer uma intervenção crítica a fim de instabilizar e desafiar estruturas epistêmicas de colonialidade, Thürler (2019) sugere operar com o conceito queer⁴. Este costuma ser acionado para se elaborar uma crítica à heteronormatividade, defendida por aqueles que veem o modelo heterossexual como o único correto, saudável e possível; crítica às normas de gênero e sexualidade.

O conceito queer é importante para se explicar como essas normas foram “construídas e naturalizadas ao longo do tempo” (COLLING, 2018). Entretanto, por se configurar demasiado subjetivo e abstrato para o público envolvido do PI, ele apenas perpassou os conteúdos a título de ideia, não fazendo parte, portanto, dos conceitos, categorias e termos utilizados pela mediadora com xs estudantes diretamente.

Este trabalho denominado “Viado!: xingamento e conflitos entre meninos nos anos iniciais do ensino fundamental”, teve seu foco na desconstrução dos discursos LGBTfóbicos e suas ramificações que geram diversos tipos de violências. Para atingir esse objetivo foi necessária uma articulação coesa entre o repertório de conhecimento construído ao longo do curso de Especialização em Gênero e Sexualidade na Educação, para o qual este PI foi elaborado e executado, colocando em evidência conceitos e categorias teóricas que circundam questões de gênero e sexualidade.

Foram utilizados dois processos de avaliação, uma que ocorreu antes, durante e depois da aplicação do PI e uma autoavaliação, no qual as/os estudantes tiveram a oportunidade de expressar sua capacidade

4 O termo queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário (LOURO, 2014 apud COLLING, 2018). Este termo faz menção também aos Estudos desenvolvidos por Judith Butler e posteriormente passa a ser entendido como uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas.

crítica, estabelecendo análises tais como sobre a apreensão dos conteúdos temáticos, o crescimento intelecto-moral-emocional pelo conhecimento, o grau de evolução por comparação entre o antes e o depois.

Como o ato de avaliar deve se fazer constante no cotidiano, a cada oficina realizada, se avaliou tanto a construção do conhecimento, quanto o processo de intervenção, abrangendo, assim, à atuação do público alvo e à sua própria. Nesse sentido foram adotados instrumentos como aplicação de questionário (diagnóstico inicial), conversação por meio de grupo focal, observação com registro escrito, relato oral, discussões em grupo com direcionamento da mediadora e produção de material gráfico-visual. Quanto ao glossário, que fez parte do planejamento não foi possível concluí-lo por conta do tempo insuficiente e de dificuldade no processo de escrita por parte de várias/os estudantes. O portfólio não foi composto devido a mudanças que ocorreram no calendário escolar do local de execução, além de dificuldade de acesso a recursos materiais, que exigiram uma redução das atividades propostas.

Justamente devido ao fato de que o calendário letivo do município de Camaçari abranger o mês de janeiro como extensão do ano letivo de 2019 e estabelecer o período de 5 de fevereiro a 5 de março de 2020 como sendo o mês de férias que a intervenção deste Projeto teve que se realizar no mês de janeiro. O calendário do referido município já se encontra em desacordo com o mês regular de férias desde o ano letivo de 2017, por consequência de uma greve ocorrida nesse mesmo ano e por diversas paralisações em reivindicação a direitos não adquiridos ao longo desses quase quatro anos de gestão de um governo de centro-direita no município.

Quanto à recepção da intervenção pelo público favorecido, considera-se que as expectativas foram superadas. Com relação aos critérios estabelecidos na aferição da aprendizagem tem-se a pontuar que as/os estudantes: foram atentos às falas da mediadora; realizaram com entusiasmo a todas as atividades propostas; demonstraram espírito de curiosidade científica diante dos conteúdos desconhecidos; se colocaram disponíveis ao aprendizado e expressaram satisfação com seu processo de construção; foram disponíveis e espontâneas/os quando da manifestação de seus pontos de vista; foram suscetíveis a mudança em suas posições e opiniões; compartilharam momentos de atividades laborais com colegas em situações coletivas; participaram ativamente dos momentos de discussão e socialização.

4 PARA CONCLUIR

No processo de diagnóstico final, as/os estudantes puderam opinar se foi importante para elas/es, se mudou sua forma de pensar a respeito da questão da orientação sexual e da identidade de gênero e se iria mudar seu modo de agir perante a realidade da LGBTfobia. Avaliaram pontos mais específicos como: a relevância do tema para a vida delas/es, os materiais utilizados no projeto, as atividades propostas para eles realizarem e a atuação da mediadora na intervenção.

Apresentamos pontos que consideramos relevantes a respeito das respostas de um questionário aplicado e dos vídeos apresentados durante o PI. As respostas do questionário apontaram para o fato de que a LGBTfobia era sim um problema real, porém manifestado de forma mais radical, com demonstrações de preconceito apenas por um estudante e mais moderadamente por outros

dois, que observados mais cuidadosamente pareciam não ter muita cons(ciência) do que diziam e faziam. Todavia, ao provocar colegas com insultos e deboches tinha a mera intenção provocativa, sem, contanto, demonstrar ter o ódio como motivação.

As opiniões manifestadas durante conversas informais e grupos focais confirmaram que os xingamentos, não acompanhavam, necessariamente, o desejo de causar sofrimento, entre a maioria do grupo que praticava tais atos, também seu comportamento não representava suas ‘crenças’ e valores. As respostas das perguntas do questionário apontaram pontos de vistas diferentes, incluindo de respeito para com a população LGBTQIA+.

Finalizou-se a oficina e o Projeto de Intervenção com a escuta e a reflexão individual da música “Toda forma de amar vale a pena”, de Iza e Milton Nascimento (<https://youtu.be/qmtOf2EGTSc>).

No processo de diagnóstico final, solicitou-se que o público direcionado relatasse a respeito do projeto. As/Os estudantes puderam opinar se foi importante para eles, se mudou sua forma de pensar a respeito da questão da orientação sexual e da identidade de gênero e se iria mudar seu modo de agir perante a realidade da LGBTfobia.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise B. de; CRUZ, Izaura S. da; DANTAS, Maria da Conceição C. Preconceitos nas Escolas. *In: Gênero e sexualidade na escola*. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018. 69 p.

BERNARDO, Nairim. Agressões já atingiram 68% dos jovens LGBT em escolas: pesquisa mostra que banheiro e aulas de Educação Física são espaços mais temidos. *Gestaoescolar*, 2016. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1670/agressoes-ja-atingiram-68-dos-jovens-lgbt-em-escolas>. Acesso em: 27 dez. 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018. p. 69: II.

DELEUZE, Gilles. **O que é ser de Esquerda**. 1988-1989. Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivomariachi/videos/597980610341794/>. Acesso em: 18 jan. 2020.

DOIS THIAGOS. Orientação sexual e identidade de gênero: vocabulário de respeito à diversidade. **YouTube**. Duração: 10min34. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kKLW4K9745U>. Acesso em: 27 dez. 2019.

FIGUEIREDO, Dannel; GARCIA, Larissa; MORAIS, Pâmela. LGBTfobia no Brasil: fatos, números e polêmicas. *In: Politize*, ([2020]). Disponível em: <https://www.politize.com.br/lgbtfobia-brasil-fatos-numeros-polemicas/>. Acesso em: 27 dez. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra, 1987. 107 p.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2012;

IZA; NASCIMENTO, Milton. Toda forma de amar vale a pena. Duração: 1min.03. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RzEDO7Q5UNE>. Acesso em: 7 jan. 2020.

LEOTTI, Letícia; MARCELINO, Fellipe. Se Essa Escola Fosse Minha – Documentário. UNB: 2017. Duração: 39min.41. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NHJMDuhruz8>. Acesso em: 7 jan. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 92 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p.179.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MULCAHY, Russell. Orações para Bobby. 2009. Duração: 1h31min36s. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TYAkCl6oVZM>. Acesso em: 26 dez. 2019.

TOKARNIA, Mariana. Mais de um terço de alunos LGBT sofreram agressão física na escola: Estudantes que são alvo de preconceito têm pior desempenho escolar. **Agência Brasil**, 2016.

THÜRLER, Djalma. “Sabedoria é desaprender” – notas para a construção de uma política cultural das margens. *In: SILVA, Gimima; PUGA, Lúcia; RIOS Otávio (org.). Alfabetização política, relações de poder e cidadania*: perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018.

THÜRLER, Djalma. **Sexualidade e políticas de subjetivação no campo das artes**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019. 55 p.

VITTAR, Pablo. Indestrutível – videoclipe Oficial. Duração: 4min. 47. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O8B72HzTuww>. Acesso em: 7 jan. 2020.

Recebido em: 22 de Maio de 2021

Avaliado em: 6 de Junho 2021

Aceito em: 30 de Junho 2021



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Mestra em Estudo de Linguagens – UNEB; Especialista em Gênero e Sexualidade na Educação – UFBA; Especialista em Estudos Linguísticos e Literários – UFBA; Graduada em Letras – UNIJORGE; Professora da rede pública municipal de Camaçari. E-mail: milenapinto2007@hotmail.com.

2 Doutorando no Curso de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – UFBA, na linha de pesquisa em artes; Ator na ATeliê voadOR TEATRO (www.atelievoadorteatro.com.br). E-mail: dudawoyda@gmail.com



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhaqual CC BY-SA

